
VESENTINI, José William. *Para uma geografia crítica na escola*. São Paulo : Ática, 1992. 135p.

Temos em mãos uma coletânea de oito ensaios amarrados por um mesmo objetivo : contribuir para a construção de uma geografia crítica nas escolas, não imune à dinâmica do mundo.

Justificamos a importância da coletânea. Na década de 70 e início de 80, os alunos de 1º e 2º graus aprendiam que o Brasil é um país de dimensões continentais possuidor de numerosas riquezas – aí vinham as listas de acidentes para memorizar, mapas para colorir, perguntas para responder, como se o Brasil se prestasse a uma divisão rígida e homogênea. É o momento do discurso do poder reproduzido em cada sala de aula, no tom do autoritarismo : o professor dita, o aluno anota.

Já naquela época aprecia J.W. Vesentini criticando a geografia descritiva, que despreza o aspecto histórico e trata o espaço físico como um dado imutável e eterno. No ensaio “*Geografia crítica e ensino*” diz ser necessário trilhar o caminho de “*uma geografia que concebe o espaço geográfico como espaço social, construído, pleno de lutas e conflitos sociais ... mas que estuda também a natureza como recurso apropriado pelos homens e como uma dimensão da história, da política*” (p.22).

Entretanto, contribuir para a construção de uma geografia crítica nas escolas exige outras numerosas reflexões. É o que o autor faz nos ensaios que se seguem questionando o livro didático como mercadoria (deve ou não ser usado? Quais são os outros instrumentos de que o professor dispõe?) e os “*lugares - comuns*” da geografia : o positivismo nas escolas e a dialética nas universidades; o trabalho social como ponto de partida no ensino de geografia; a compartimentação da realidade no estudo da geografia e a substituição de uma relação pedagógica por outra.

Finalmente, J. W. Vesentini explicita o que significa criticidade hoje, na perspectiva do ensino da geografia : “*deixar o educando se libertar das amarras da dependência intelectual e de pensamento, encontrar a sua criatividade e imaginação a partir do*

diálogo com o real e com as obras culturais, se descobrir como cidadão e, conseqüentemente, agente de mudanças ... implica também reconhecer o OUTRO, aceitar as diferenças (mas não as desigualdades), perceber que o ideal de uma sociedade completamente harmônica e transparente é falso e perigosamente totalitário, ou, como diria Platão, é um ideal somente para o Olimpo, para os deuses e não para os homens de carne e osso, que conhecem a paixão em todos os seus aspectos ... Desenvolver a criticidade no ensino da geografia, enfim, consiste em deixar de lado os modelos, os sistemas teóricos prontos e acabados, os conceitos que não aceitam o novo, o inesperado, a contingência. Ou, nas palavras de Lacoste, que nesse ponto se encontrou com Kropotkin, podemos reafirmar que não há geografia sem drama, sem aventura” (p. 131 / 132).

“*Para uma geografia crítica na escola*” realiza uma reflexão equilibrada sobre tudo o que cerca o ambiente da sala de aula, num momento de pluralidade e experiências diversificadas / alternativas. O professor de geografia vai aprendendo que pode criar e inovar, que pode contribuir para a construção de uma nova geografia escolar, embasada num saber crítico que auxilie o educando no seu posicionamento frente ao mundo em que vive. Saber crítico no sentido dialético do termo *crítica* : superação com subsunção (incorporação do que é superado naquilo que o superou), com a compreensão do seu papel histórico.

A obra em questão é obrigatória para professores e estudantes de geografia interessados no futuro do ensino. Terminada a leitura ficará a certeza de que um importante papel está reservado ao professor de geografia na escola crítica.

Como informa o autor, através de Nietzsche, para questionar alguns mal-entendidos no ensino de geografia :

*“Moro em minha própria casa
Nada imitei de ninguém
E ainda rio de todo mestre
Que não riu de si também”.*

Ainda usando Nietzsche o autor esclarece : “*escreve com o teu sangue e descobrirá que o sangue é espírito*”. Foi exatamente o que J. W. Vesentini fez para responder aqueles que se perguntam : qual é o papel do ensino de geografia hoje?

Maria Lúcia de Amorim Soares